

**TEXTO PARA DISCUSSÃO**

**3017**

**VANTAGEM COMPARATIVA  
E ESPECIALIZAÇÃO NO COMÉRCIO  
INTERNACIONAL: BRASIL E PAÍSES  
SELECIONADOS**

**JOSÉ EUSTÁQUIO RIBEIRO VIEIRA FILHO  
ZENAIDE RODRIGUES FERREIRA**



**VANTAGEM COMPARATIVA E  
ESPECIALIZAÇÃO NO COMÉRCIO  
INTERNACIONAL: BRASIL E PAÍSES  
SELECIONADOS**

**JOSÉ EUSTÁQUIO RIBEIRO VIEIRA FILHO<sup>1</sup>  
ZENAIDE RODRIGUES FERREIRA<sup>2</sup>**

1. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dirur/Ipea); professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas do Ipea; e colunista de economia do canal Agromais TV. *E-mail*: jose.vieira@ipea.gov.br.

2. Pesquisadora associada no Núcleo de Estudos de Economia Agrícola (ne2agro) da Dirur/Ipea; e professora adjunta do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc) do Distrito Federal. *E-mail*: zenaide.r.ferreira@gmail.com.

**Governo Federal**

**Ministério do Planejamento e Orçamento**

**Ministra** Simone Nassar Tebet

**ipea** Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

**Presidenta**

**LUCIANA MENDES SANTOS SERVO**

**Diretor de Desenvolvimento Institucional**

**FERNANDO GAIGER SILVEIRA**

**Diretora de Estudos e Políticas do Estado,  
das Instituições e da Democracia**

**LUSENI MARIA CORDEIRO DE AQUINO**

**Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas**

**CLÁUDIO ROBERTO AMITRANO**

**Diretor de Estudos e Políticas Regionais,  
Urbanas e Ambientais**

**ARISTIDES MONTEIRO NETO**

**Diretora de Estudos e Políticas Setoriais,  
de Inovação, Regulação e Infraestrutura**

**FERNANDA DE NEGRI**

**Diretor de Estudos e Políticas Sociais**

**CARLOS HENRIQUE LEITE CORSEUIL**

**Diretor de Estudos Internacionais**

**FÁBIO VÉRAS SOARES**

**Chefe de Gabinete**

**ALEXANDRE DOS SANTOS CUNHA**

**Coordenadora-Geral de Imprensa e  
Comunicação Social**

**GISELE AMARAL**

**Ouvidoria:** <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

**URL:** <http://www.ipea.gov.br>

# Texto para Discussão

Publicação seriada que divulga resultados de estudos e pesquisas em desenvolvimento pelo Ipea com o objetivo de fomentar o debate e oferecer subsídios à formulação e avaliação de políticas públicas.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2024

Vieira Filho, José Eustáquio Ribeiro

Vantagem comparativa e especialização no comércio internacional : Brasil e países selecionados / José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho, Zenaide Rodrigues Ferreira. – Brasília, DF: Ipea, 2024.  
18 p. – (Texto para Discussão ; n. 3017).

Inclui Bibliografia.

ISSN 1415-4765

1. Agronegócio. 2. Crescimento. 3. Exportações. 4. Subsídios. I. Ferreira, Zenaide Rodrigues. II. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. III. Título.

CDD 382.4

Ficha catalográfica elaborada por Elizabeth Ferreira da Silva CRB-7/6844.

**Como citar:**

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; FERREIRA, Zenaide Rodrigues. **Vantagem comparativa e especialização no comércio internacional** : Brasil e países selecionados. Brasília, DF : Ipea, jun. 2024. 18 p. (Texto para Discussão, n. 3017). DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td3017-port>

**JEL:** Q17; O13; O24; O5.

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.38116/td3017-port>

As publicações do Ipea estão disponíveis para download gratuito nos formatos PDF (todas) e ePUB (livros e periódicos).

Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento e Orçamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

# SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO .....	6
2 METODOLOGIA: INDICADORES COMERCIAIS .....	6
3 AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS.....	9
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS .....	17

## SINOPSE

O estudo analisa a especialização de um conjunto de países (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Estados Unidos, Guatemala, México, Peru e Uruguai) no comércio internacional de 2000 a 2021. Para o comparativo, foram calculados indicadores de vantagem comparativa revelada (VCR), contribuição ao saldo comercial (CSC) e taxa de cobertura. Os resultados mostraram que há liderança em diferentes indicadores para a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos. Existem casos individualizados, nos demais países, de produtos que se sobressaem no conjunto da avaliação. No período avaliado, o Brasil conquistou mercado, tornando-se a economia mais competitiva no agronegócio com o passar do tempo.

**Palavras-chave:** agronegócio; crescimento; exportações; subsídios.

## ABSTRACT

This study analyzes the specialization of a group of countries (Argentina, Bolivia, Brazil, Colombia, Ecuador, United States, Guatemala, Mexico, Peru and Uruguay) in international trade from 2000 to 2021. For the comparison, it was calculated indicators of revealed comparative advantage (VCR), contribution to the trade balance (CSC) and coverage rate. The results showed that there is leadership in different indicators for Argentina, Brazil and the United States. There are individual cases, in other countries, of products that stand out in the assessment as a whole. During the period evaluated, Brazil gained market share, becoming a more competitive economy over time in agribusiness.

**Keywords:** agribusiness; growth; exports; subsidies.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo procura avaliar o comércio internacional de vários países com forte base exportadora em produtos agropecuários, tais como Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Estados Unidos, Guatemala, México, Peru e Uruguai. Todos estes países, conjuntamente, foram considerados a zona de referência para este comparativo internacional.

Utilizando estatísticas e informações econômicas de especialização regional, baseadas nos fluxos de comércio, buscou-se calcular os seguintes indicadores: i) vantagem comparativa revelada (VCR), ii) contribuição ao saldo comercial (CSC); e iii) taxa de cobertura (TC). A análise mostra as principais tendências estruturais nas economias estudadas. O período de análise foi de 2000 a 2021, cujas transformações foram relevantes: atentado terrorista nos Estados Unidos, *boom* das *commodities* de 2004 a 2008, maior inserção chinesa no comércio mundial, crise financeira de 2008 e pandemia em 2020.

Os resultados, além de identificar produtos e setores que tiveram melhor inserção econômica no mercado internacional, mostraram a vantagem comparativa revelada e a contribuição ao saldo comercial dentro deste comparativo. Foi possível comparar o Brasil com os seus principais competidores nas Américas, sinalizando os espaços potenciais de especialização e de crescimento produtivo, identificando, ao mesmo tempo, os setores-chave de cada um destes países. Os resultados brasileiros estão estreitamente relacionados aos investimentos em ciência e tecnologia ao longo das últimas décadas (Fishlow e Vieira Filho, 2020; Vieira Filho, 2022a), o que tem potencializado o aumento da produtividade setorial e sua dinâmica perante o aumento da demanda mundial por alimentos (Vieira Filho, 2022b).

Para tanto, são apresentadas quatro seções, incluindo esta breve introdução. A seção 2 descreve a metodologia do cálculo dos indicadores, bem como apresenta os grupos de produtos a serem estudados. A seção 3 apresenta a discussão dos resultados. Por fim, seguem as considerações finais.

## 2 METODOLOGIA: INDICADORES COMERCIAIS

Para analisar a especialização produtiva no comércio internacional de produtos agropecuários, foram calculados indicadores baseados em fluxos comerciais, que permitem mensurar a tendência na especialização produtiva internacional. Foram considerados vários produtos do setor agropecuário. Os indicadores<sup>1</sup> são baseados nos conceitos

---

1. Para conferir com mais detalhe a metodologia de cálculo dos indicadores, veja Ferreira e Vieira Filho (2023).

de vantagem comparativa revelada (VCR), contribuição ao saldo da balança comercial (CSC) e taxa de cobertura (TC), propostos por Balassa (1965), Lafay (1990) e Gutman e Miotti (1998).

Considerando o fluxo de comércio internacional, dividiu-se a análise nos seguintes subperíodos:

- 2000 a 2010 – tem-se o forte crescimento da economia chinesa (que aumenta a demanda por *commodities*) e a apreciação cambial, em 2005, com forte impacto na inflação dos preços dos bens agrícolas. Em 2008, tem-se a crise financeira internacional. Esta etapa se caracterizou pela alavancagem das exportações do setor agroindustrial em muitos países; e
- 2010 a 2021 – representa os anos mais recentes após a crise financeira americana, mas com baixo impacto no crescimento das exportações agropecuárias, num primeiro momento; porém, observa-se uma forte reestruturação da economia mundial devido à crise econômica, assim como da pandemia em 2020.

No presente estudo, foram coletados dados da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO)<sup>2</sup> referentes ao valor em dólares das exportações argentina e mundial de produtos agropecuários, quais sejam: trigo, milho, açúcar, soja, farelo e óleos vegetais, suco de laranja, café em grão e torrado, algodão, mandioca, cacau, arroz, leite e derivados, bem como carnes bovina, suína e de frango, no período de 2000 a 2021.

O indicador de VCR calcula a relação entre a participação de mercado do setor de interesse e a participação da região (país) no total das exportações de uma zona de referência, que pode ser o mundo ou um conjunto de países. Assim, a VCR para uma região  $j$  em um grupo de produtos  $i$  pode ser definida da seguinte forma:

$$VCR_{ij} = \frac{(X_{ij}/X_{iz})}{(X_j/X_z)} \quad (1)$$

em que  $X_{ij}$  é o valor das exportações do grupo de produtos agropecuários  $i$  no país  $j$ ;  $X_{iz}$  é o valor das exportações do grupo de produtos agropecuários  $i$  na zona de referência  $z$ , dada pelo conjunto de países analisados;  $X_j$  é o valor total das exportações no país  $j$ ; e  $X_z$  é o valor total das exportações na zona de referência  $z$ .

O cálculo desse índice fornece uma medida da estrutura relativa das exportações agropecuárias de um determinado país. Quanto maior o valor exportado de um

2. *Production: crops and livestock products*. Faostat Data, 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#data>.



determinado grupo de produtos com relação ao valor total exportado, maior será a vantagem comparativa na produção desse setor. Se  $VCR_{ij} > 1$ , o setor ou grupo de produtos  $i$  apresenta vantagem comparativa revelada; se  $VCR_{ij} < 1$ , o contrário acontece, apresentando desvantagem comparativa revelada (Hidalgo, 1998).

O índice definido por Lafay (1990), o qual está baseado no índice de contribuição ao saldo comercial (CSC), leva em consideração as importações. Compara-se o saldo comercial observado com o saldo comercial teórico para o grupo de produtos em questão. Caso o saldo observado seja superior ao teórico, o país  $j$  apresentará vantagem comparativa revelada na produção do setor analisado. Se o saldo observado for inferior ao teórico, o país  $j$  apresentará desvantagem comparativa revelada na produção do setor analisado. O índice de CSC é apresentado da seguinte forma:

$$CSC_{ij} = \frac{100}{(X+M)/2} \left[ (X_{ij} - M_{ij}) - (X - M) \frac{X_{ij} + M_{ij}}{X + M} \right] \quad (2)$$

em que  $X_{ij}$  é o valor das exportações do grupo de produtos, setor  $i$ , no país  $j$ ;  $M_{ij}$  é o valor das importações do grupo de produtos agropecuários, setor  $i$ , no país  $j$ ; e  $X_{ij} - M_{ij}$  representa a balança comercial observada do grupo de produtos agropecuários. O último termo entre colchetes,  $(X - M) \frac{X_{ij} + M_{ij}}{X + M}$ , representa a balança comercial teórica do grupo de produtos agropecuários.

Caso  $CSC_{ij} > 0$ , o setor  $i$  apresenta vantagem comparativa revelada. Caso contrário, se  $CSC_{ij} < 0$ , o setor  $i$  apresenta desvantagem comparativa revelada. Os resultados desse tipo de mensuração podem indicar a direção da especialização da produção de uma determinada região (ou país), porém, é necessário que se tenha a hipótese de paridade do poder de compra (PPC). A taxa de câmbio do país deve refletir exatamente os preços relativos desse país em relação aos outros. Um desalinhamento do câmbio causa distorção no sistema de preços, o que certamente distorceria conclusões finais (Hidalgo, 1998).

Por fim, o indicador referente à taxa de cobertura (TC) foi mensurado para determinar os pontos fortes e fracos das economias analisadas em relação ao setor agro-exportador. A taxa de cobertura do setor  $i$  é definida como:

$$TC_i = X_i / M_i \quad (3)$$

em que  $X_i$  representa as exportações e  $M_i$  as importações do setor  $i$  de um determinado país. Constitui ponto forte de um país o setor  $i$  (ou grupo de produtos) que apresentar simultaneamente vantagem comparativa revelada e taxa de cobertura maior que a unidade. Caso contrário, o setor  $i$  constituirá um ponto fraco da economia. Pelo estudo comparativo dos pontos fortes e fracos entre diferentes países, é possível identificar os setores ou produtos com melhores oportunidades de inserção comercial (Gutman e Miotti, 1998).



### 3 AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

De acordo com a tabela 1, têm-se os resultados do indicador de vantagem comparativa revelada. As células marcadas em verde sinalizam os produtos para os quais se obteve vantagem comparativa revelada. O Brasil se destacou no conjunto dos países estudados e produtos analisados. O desempenho brasileiro está associado aos investimentos em ciência e tecnologia, tal como visto por Fishlow e Vieira Filho (2020) e Vieira Filho (2022a), bem como se apresenta como um “paradoxo de Prebisch” (Vieira Filho e Silveira, 2016). Os Estados Unidos também mostraram vantagem comparativa em diversos produtos, mas apresentaram vantagem comparativa próxima de uma unidade, com tendência de queda no período do grupo de produtos. Os destaques americanos são para o trigo, o milho, o café torrado, o algodão, a carne suína e o arroz. De um lado, leite e derivados vêm conquistando vantagem; no entanto, de outro, soja e carne bovina perderam competitividade.

A Argentina também possui fortes vantagens comparativas em vários produtos; destacam-se milho, farelo e óleos vegetais, bem como leite e derivados. Ademais, um segundo grupo de produtos se destaca, que inclui trigo, soja e carne bovina. Porém, arroz vem perdendo vantagem comparativa ao longo do tempo.

Pelos resultados, para o grupo dos dezesseis produtos estudados, apenas o Brasil apresentou vantagem comparativa nos três anos analisados, o que mostra a relevância deste setor para a economia brasileira como um todo, comparativamente aos demais países. O Brasil se destacou em açúcar, soja, suco de laranja, café em grão e carne de frango. No caso da cadeia de farelo e óleos vegetais, o Brasil apresentou vantagem apenas em 2000. No caso das produções de algodão, carnes bovina e suína, o Brasil vem ganhando competitividade, que mostra bons indicadores na última década (Ferreira e Vieira Filho, 2019; Alcantara, Vedana e Vieira Filho, 2023).

Conforme Maranhão e Vieira Filho (2022), entre 2002 e 2013, a taxa de crescimento das exportações agrícolas brasileiras foi superior à das exportações mundiais. Em uma decomposição do crescimento, comércio global e competitividade foram as fontes que mais influenciaram neste comportamento. O desempenho positivo das exportações brasileiras, especialmente a partir de 2004, esteve associado à maior demanda chinesa por bens agropecuários. O Brasil se tornou o maior fornecedor de soja para o mercado chinês, que representou quase 30% das exportações do país entre 2000 e 2010.

Importante ressaltar que o Brasil é o maior exportador mundial de açúcar, suco de laranja e café em grão, bem como de soja, sendo estes alguns dos principais produtos

da pauta de exportação brasileira, que, no ano de 2023, movimentou US\$166 bilhões.<sup>3</sup> Em relação ao açúcar, segundo os dados do Comtrade,<sup>4</sup> o Brasil respondeu por 74,8% da exportação mundial em 2023, equivalente a US\$ 15,7 bilhões e 31,3 bilhões de toneladas. No caso da soja, o país respondeu por 58,8% da exportação mundial, totalizando 101,9 bilhões de toneladas, com valor de US\$ 53,2 bilhões. Para suco de laranja, as estatísticas para o Brasil foram iguais a 58,7% da exportação mundial, equivalente a 331,1 milhões de toneladas, com valor de US\$ 746,3 milhões. Já em relação às exportações mundiais de café, o Brasil respondeu por 68,2% da exportação mundial, totalizando 2,2 bilhões de toneladas e US\$ 7,3 bilhões de valor exportado.

Os demais países possuem um ou outro produto em destaque. A Colômbia, por exemplo, destacou-se em café (em grão e torrado), bem como mandioca e cacau. Como contraponto ao Brasil, é interessante observar que a produção colombiana vem conquistando vantagem na torrefação de café. A Guatemala se destacou em açúcar e café, e perdeu um pouco de competitividade na produção de mandioca, na qual tinha vantagem comparativa, mas no último ano se mostrou em desvantagem. O Equador é forte em mandioca e cacau, enquanto o Peru, em café e mandioca. Vale destacar também que o Uruguai tem vantagem na atividade pecuária bovina, ou seja, em carne bovina, leite e derivados. Os resultados encontrados podem ser avaliados caso a caso, dependendo do foco de interesse.

Pela tabela 2, tem-se o indicador de contribuição ao saldo comercial. Os valores marcados em azul sinalizam contribuição favorável (ou superavitária) para cada grupo de produtos em cada um dos países estudados. A cor vermelha representa contribuição negativa (ou deficitária) em termos de produtos e países. Novamente, Argentina, Brasil e Estados Unidos se destacaram no conjunto dos países estudados. Exceto no México e no Peru, o agronegócio e o grupo de produtos estudados são, no geral, um setor superavitário.

O Brasil apresentou contribuição favorável ao saldo comercial para os produtos açúcar, soja, farelo e óleos vegetais, suco de laranja, café em grão (ver Arevalo, Arruda e Carvalho, 2016), bem como as cadeias de carnes (bovina, suína e de frango). Ademais, para o conjunto dos dezesseis produtos estudados e para o setor de agronegócio, a contribuição é extremamente favorável à balança comercial brasileira. Exceto para a produção de trigo, o Brasil é pouco dependente das importações dos demais produtos, como lácteos e arroz, que não se destacaram.

3. Disponível em: <https://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>. Acesso: maio 2024.

4. Disponível em: <https://comtradeplus.un.org/>. Acesso: maio 2024.

# TEXTO para DISCUSSÃO

**TABELA 1**
**Vantagem comparativa revelada por países selecionados e grupo de produtos**

Países	Anos	Produtos																Grupo
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
Argentina	2000	2,2	1,5	0,2	0,8	4,2	0,0	0,0	0,0	0,2	1,0	2,1	0,0	0,0	1,1	0,0	0,0	1,1
	2010	0,8	1,5	0,1	1,1	3,9	0,1	0,0	0,0	0,1	0,9	1,4	0,0	0,3	0,4	0,0	0,0	1,0
	2021	2,3	2,7	0,0	0,3	5,3	0,0	0,0	0,0	0,2	1,2	1,1	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	1,1
Bolívia	2000	0,0	0,0	0,9	1,4	13,0	0,0	0,6	0,1	1,1	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	1,5	1,2
	2010	0,0	0,0	0,1	0,1	6,6	0,0	0,4	0,8	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	1,3	0,6
	2021	0,0	0,1	0,1	0,1	10,6	0,0	0,2	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,7
Brasil	2000	0,0	0,0	4,9	2,0	1,3	6,8	2,8	0,4	0,1	0,9	0,0	0,8	2,6	0,0	1,0	0,2	1,4
	2010	0,1	0,6	3,5	1,2	0,7	2,7	2,2	0,4	0,5	1,7	0,0	1,0	2,4	0,0	0,0	0,0	1,4
	2021	0,1	0,5	3,5	2,2	0,8	3,7	2,0	0,3	1,4	1,3	0,0	1,0	2,4	0,4	0,1	0,0	1,6
Colômbia	2000	0,0	0,0	3,5	0,0	0,1	0,0	8,4	0,3	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	1,3	0,2	1,0	
	2010	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	9,4	4,9	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,5	1,4	0,8	
	2021	0,0	0,0	0,5	0,0	0,3	0,0	12,0	8,3	0,0	0,4	0,1	0,0	0,0	3,7	1,2	0,8	
Equador	2000	0,0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,0	0,4	3,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	48,6	39,6	0,2	
	2010	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,4	0,1	0,0	0,0	0,2	0,0	0,4	12,7	46,0	0,2	
	2021	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	11,4	46,1	0,2	
Guatemala	2000	0,0	0,0	10,1	0,0	0,0	0,1	8,4	0,3	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	4,0	0,0	1,2	
	2010	0,0	0,0	4,7	0,0	0,1	0,1	5,3	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	1,3	0,0	0,8	
	2021	0,0	0,0	1,4	0,0	0,2	0,1	5,1	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,1	0,4	
México	2000	0,2	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	2,0	1,7	0,3	0,0	0,0	1,4	0,0	0,1	0,1	0,3	
	2010	0,2	0,1	0,2	0,0	0,0	2,3	0,6	1,4	0,2	0,5	0,3	0,9	0,0	9,4	0,0	0,2	
	2021	0,1	0,0	0,5	0,0	0,0	0,0	0,3	0,2	0,1	0,9	0,2	1,0	0,0	2,3	0,0	0,2	
Peru	2000	0,0	0,1	2,0	0,0	0,0	0,0	8,1	0,7	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	1,6	0,1	1,0	
	2010	0,0	0,1	0,4	0,0	0,1	0,0	8,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	1,5	6,1	0,7	
	2021	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	2,7	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,3	5,9	0,2	
Uruguai	2000	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	7,9	23,3	0,0	0,0	0,0	0,0	1,1	
	2010	0,9	0,0	0,0	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,4	10,8	0,0	0,1	0,5	0,0	0,9	
	2021	0,3	0,0	0,0	0,3	0,1	0,0	0,0	0,9	0,0	6,1	2,0	0,0	0,0	4,5	0,0	0,9	
Estados Unidos	2000	1,2	1,4	0,0	1,1	0,5	0,2	0,0	1,3	1,6	1,1	0,8	1,3	1,1	1,5	0,1	0,7	1,0
	2010	1,8	1,4	0,0	1,2	0,6	0,3	0,0	1,5	1,8	0,7	1,3	1,5	0,7	2,0	0,2	0,3	1,0
	2021	1,7	1,4	0,0	0,9	0,5	0,1	0,0	1,5	1,4	0,8	1,9	1,4	0,8	1,8	0,6	0,1	0,9

Elaboração dos autores.

Obs.: 1 = trigo; 2 = milho; 3 = açúcar; 4 = soja; 5 = farelo e óleos vegetais; 6 = suco de laranja; 7 = café em grão; 8 = café torrado; 9 = algodão; 10 = carne bovina; 11 = leite e derivados; 12 = carne suína; 13 = carne de frango; 14 = arroz; 15 = mandioca; e 16 = cacau.

A Argentina apresentou contribuição positiva, além do conjunto analisado de produtos e do agronegócio, para trigo, milho, açúcar, farelo e óleos vegetais, algodão, carne bovina, bem como leite e derivados; porém, suco de laranja, café e carne suína contribuíram negativamente. Ademais, arroz, mandioca e cacau mostraram indicadores próximos a zero.

Os Estados Unidos se destacaram em trigo, milho, soja, farelo e óleos vegetais, algodão, arroz, carne bovina, carne suína e carne de frango, apresentando contribuição favorável no conjunto dos dezesseis produtos estudados, bem como do agronegócio como um todo. Nos demais países, o agronegócio não foi tão superavitário. Para uma avaliação individualizada, para os anos 2000, 2010 e 2021, é conveniente analisar cada caso de forma mais específica.

**TABELA 2**  
**Contribuição ao saldo comercial por países selecionados e grupo de produtos**

Países	Produtos																Grupo	Agronegócio	
	Anos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16
Argentina	2000	4,62	3,78	0,10	2,77	3,69	-0,04	-0,22	0,00	0,17	1,80	0,16	-0,27	-0,12	0,10	0,00	0,00	16,55	35,50
	2010	1,31	4,52	0,11	7,25	6,09	0,00	-0,13	-0,01	0,07	1,51	0,27	-0,19	0,51	0,06	0,00	0,00	21,39	44,54
	2021	3,02	10,57	0,03	-1,29	6,86	-0,01	-0,10	-0,04	0,21	3,44	0,28	-0,12	0,28	0,00	0,00	0,00	23,13	40,52
Bolívia	2000	-1,89	-0,03	0,31	0,77	8,47	0,00	0,80	0,00	0,57	-0,02	0,00	0,00	0,00	-0,01	0,00	0,03	9,00	16,42
	2010	-0,16	-0,18	0,08	0,26	3,32	0,00	0,24	0,01	-0,09	-0,01	-0,04	0,00	0,03	0,00	0,00	0,04	3,48	8,23
	2021	-0,14	0,06	0,04	0,37	5,52	0,00	0,09	-0,01	0,00	0,82	-0,04	0,00	-0,03	0,00	0,00	0,01	6,68	11,57
Brasil	2000	-1,67	-0,33	1,37	3,72	0,59	1,85	2,82	0,00	-0,53	0,73	-0,10	0,29	1,45	-0,05	0,00	-0,11	10,04	15,75
	2010	-0,78	1,05	4,61	5,44	0,67	0,34	2,56	0,00	0,37	1,82	-0,04	0,61	2,85	-0,01	0,00	-0,08	19,42	26,86
	2021	-0,68	1,14	2,81	13,48	0,68	0,40	2,05	-0,02	1,20	2,69	-0,02	0,87	2,40	0,01	0,00	-0,07	26,93	30,63
Colômbia	2000	-1,11	-1,58	0,92	-0,56	-0,67	-0,02	8,13	0,00	-0,59	0,01	0,02	-0,07	-0,07	0,00	-0,01	-0,01	4,39	11,06
	2010	-0,90	-1,97	0,22	-0,37	-0,53	-0,05	4,56	0,05	-0,26	0,01	0,00	-0,04	0,01	0,00	0,00	-0,02	0,69	4,31
	2021	-1,03	-2,77	0,26	-0,39	-0,42	0,00	7,07	0,19	-0,06	0,48	-0,02	-0,47	-0,16	-0,01	0,00	0,07	2,76	9,31
Equador	2000	-1,68	-0,28	0,04	0,14	-0,78	0,00	0,42	0,04	-0,39	-0,01	-0,01	-0,01	0,11	-0,04	0,01	0,75	-1,67	16,81
	2010	-0,87	-0,64	0,05	0,00	-0,55	0,00	0,30	0,00	-0,15	-0,01	0,01	-0,07	0,00	0,03	0,01	1,99	0,09	15,21
	2021	-1,94	-0,22	0,02	0,00	-0,62	0,00	0,06	-0,01	-0,08	-0,03	-0,01	-0,01	0,00	0,01	0,00	3,07	0,25	13,21
Guatemala	2000	-0,83	-0,57	6,47	0,00	-0,22	0,00	19,55	0,01	-0,51	-0,05	-0,18	-0,07	-0,12	-0,13	0,00	0,00	23,37	41,38
	2010	-0,89	-0,92	8,07	-0,01	-0,48	-0,03	7,95	0,00	-0,32	0,07	-0,28	-0,11	-0,26	-0,21	0,00	0,00	12,57	28,87
	2021	-0,68	-1,42	1,29	0,00	-0,44	0,00	6,06	0,01	-0,23	-0,31	-0,37	-0,23	-0,55	-0,13	0,00	0,00	3,01	28,74
México	2000	-0,20	-0,47	0,01	-0,68	-0,24	0,00	0,73	0,01	-0,43	-0,66	-0,12	-0,04	-0,09	-0,07	0,00	-0,01	-2,27	0,24
	2010	-0,24	-0,46	0,06	-0,51	-0,33	0,05	0,11	0,00	-0,18	-0,19	-0,09	-0,23	-0,15	-0,09	0,00	-0,02	-2,26	-0,80
	2021	-0,24	-0,97	0,08	-0,49	-0,16	0,00	0,06	0,00	-0,04	0,25	-0,10	-0,19	-0,21	-0,05	0,00	-0,01	-2,06	2,11
Peru	2000	-2,30	-1,25	0,21	-0,08	-0,79	0,00	3,18	0,00	-0,48	-0,05	-0,05	0,00	-0,04	0,00	0,00	-0,01	-1,67	-3,17
	2010	-1,42	-1,44	0,14	-0,15	-1,18	0,00	2,48	0,00	-0,46	-0,05	-0,02	-0,02	-0,07	0,00	0,00	0,10	-2,10	-1,61
	2021	-1,20	-2,11	-0,02	-0,30	-1,49	0,00	1,18	0,00	-0,24	-0,09	-0,07	-0,05	-0,23	0,00	0,00	0,24	-4,37	3,35
Uruguai	2000	0,04	-0,74	-0,43	0,00	-0,19	0,05	-0,06	-0,01	-0,03	14,85	2,81	-0,27	0,01	0,00	0,00	0,00	16,03	30,17
	2010	1,80	0,00	-0,28	3,67	-0,31	0,00	-0,03	-0,02	-0,01	15,84	2,73	-0,43	0,17	0,07	0,00	0,00	23,22	49,97
	2021	0,58	-0,46	-0,20	3,66	-0,14	0,00	-0,07	0,03	0,00	23,90	0,61	-0,99	-0,05	0,47	0,00	0,00	27,35	52,62
Estados Unidos	2000	0,41	0,57	-0,04	0,61	0,06	-0,01	-0,18	-0,01	0,23	0,18	-0,03	0,09	0,17	0,02	0,00	-0,03	2,05	3,41
	2010	0,52	0,75	-0,06	1,43	0,17	0,00	-0,20	-0,01	0,43	0,08	0,01	0,19	0,23	0,06	0,00	-0,06	3,52	4,51
	2021	0,40	1,04	-0,04	1,46	0,11	-0,01	-0,17	-0,04	0,31	0,23	0,04	0,26	0,21	0,03	0,00	-0,04	3,79	3,77

Elaboração dos autores.

Obs.: 1 = trigo; 2 = milho; 3 = açúcar; 4 = soja; 5 = farelo e óleos vegetais; 6 = suco de laranja; 7 = café em grão; 8 = café torrado; 9 = algodão; 10 = carne bovina; 11 = leite e derivados; 12 = carne suína; 13 = arroz; 14 = frango; 15 = mandioca; e 16 = cacau.

**TEXTO para DISCUSSÃO**

A tabela 3 apresenta os setores-chave de cada um dos países, para cada produto e para cada ano focado. Os pontos fortes estão sinalizados em verde e os pontos fracos, em vermelho. Não há indicação por cor quando se observou um ponto neutro. O intercâmbio comercial deve ser realizado de um ponto forte para um ponto fraco. O Brasil foi o único país que apresentou condição forte para o grupo dos dezesseis produtos estudados ao longo dos três anos, enquanto Equador, México e Peru se mostraram fracos, ou seja, o intercâmbio comercial entre estes países para este grupo de produtos pode ser vantajoso para ambos os lados.

Já a Argentina apresentou ponto forte no grupo de produtos e, particularmente, em trigo, milho, farelo e óleos vegetais, carne bovina, leite e derivados. No que diz respeito ao arroz, este produto era forte, mas se tornou fraco com o passar do tempo. A soja argentina também é um produto que perde espaço ao longo do período, resultado de políticas comerciais que têm direcionado a soja em grão para a produção de ração e óleo de soja, como também observado no estudo de Figueira e Galache (2023). Açúcar, algodão e carne de frango se mostraram neutros.

Os Estados Unidos se mostraram neutros no grupo de produtos estudados, já que sua economia é bastante diversificada e não dependente do setor agroexportador, o que lhe dá características competitivas diferenciadas. O arroz é um ponto forte para a economia americana, mas fraco ou neutro para os demais países. Mandioca é relativamente melhor no Peru, enquanto cacau, no Equador.

A análise por produtos mostra que o Brasil é forte em açúcar, soja e carne de frango. Ademais, produtos como farelo e óleos vegetais, suco de laranja, café em grão, carne bovina e carne suína são também classificados como fortes, mas com ligeira oscilação entre alguns anos. Os maiores gargalos na produção brasileira se mostraram na produção de trigo e de leite e derivados (Alves, Lício e Contini, 2016; Souza e Vieira Filho, 2021). Há bastante espaço para trocas comerciais no Brasil em diferentes produtos e países, já que muitos pontos fortes da economia brasileira poderiam preencher os pontos fracos dos demais países.

Estados Unidos e Argentina se mostram como os principais competidores do Brasil, e um ou outro país, de forma isolada, em um ou outro produto. Casos individuais devem ser avaliados separadamente. No geral, o arroz era muito importante para a Argentina e perdeu espaço; vem se tornando importante para o Brasil;<sup>5</sup> e é um ponto forte da economia americana.

---

5. As enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, no ano de 2024, podem impactar a produção no curto e no longo prazo. Os impactos de curto prazo são estimados em torno de 10% a 15% da safra 2023/2024, o que inclui a perda do que restava para colher, bem como o prejuízo relacionado ao estoque destruído. O impacto de longo prazo está relacionado à perda de capital e de infraestrutura. Como solução para este problema, é preciso estimular o investimento, viabilizando crédito aos produtores mais afetados. Contudo, não há ainda estimativa precisa de quanto será a perda de produção a partir de 2024.

**TABELA 3**  
Setores-chave no setor agropecuário por países selecionados

Países	Produtos																Grupo
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
Argentina	2000	Forte	Forte	Neutro	Neutro	Forte	Fraco	Fraco	Neutro	Forte	Forte	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Forte	Forte
	2010	Neutro	Forte	Neutro	Forte	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Forte	Fraco	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro
	2021	Forte	Forte	Neutro	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Neutro	Forte	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Forte
Bolívia	2000	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Forte
	2010	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro
	2021	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Forte	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro
Brasil	2000	Fraco	Fraco	Forte	Forte	Forte	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Forte
	2010	Fraco	Neutro	Forte	Forte	Neutro	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Forte
	2021	Fraco	Neutro	Forte	Forte	Neutro	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Forte	Forte	Neutro	Fraco	Fraco	Forte
Colômbia	2000	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Forte
	2010	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro
	2021	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Forte	Fraco
Equador	2000	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco
	2010	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
	2021	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Forte	Forte
Guatemala	2000	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Neutro
	2010	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Neutro
	2021	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
México	2000	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco
	2010	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco
	2021	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco
Peru	2000	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco
	2010	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco
	2021	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco
Uruguai	2000	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Forte	Forte
	2010	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro
	2021	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Neutro
Estados Unidos	2000	Forte	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Forte	Fraco	Forte	Forte	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro
	2010	Forte	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Forte	Fraco	Forte	Forte	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro
	2021	Forte	Forte	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Forte	Fraco	Forte	Forte	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro

Elaboração dos autores.

Obs.: 1 = trigo; 2 = milho; 3 = açúcar; 4 = soja; 5 = farelo e óleos vegetais; 6 = suco de laranja; 7 = café em grão; 8 = café torrado; 9 = algodão; 10 = carne bovina; 11 = leite e derivados; 12 = carne suína; 13 = carne de frango; 14 = arroz; 15 = mandioca; e 16 = cacau.



**TEXTO para DISCUSSÃO**

Para os demais países, o arroz é um ponto fraco. No que tange à mandioca, este é um produto que tem vantagem comparativa revelada no Equador e no Peru, oscilando esta vantagem na Guatemala e no México. Entretanto, no geral, a mandioca foi um produto com baixa comercialização internacional, embora importante nas economias locais. Quanto ao cacau, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru possuem relativa importância, mas nada muito representativo.

Por fim, a tabela 4 apresenta o *ranking* das exportações mundiais dos produtos analisados, para os diferentes países, entre os anos de 2000, 2010 e 2021. Marcou-se na tabela, em cor azul, apenas os produtos e países que ocuparam o primeiro lugar. O Brasil liderou as exportações de açúcar, suco de laranja e café em grão. No que se refere à carne de frango, era segundo colocado em 2000, alcançando a liderança mundial a partir de 2010. Quanto à soja, o Brasil ocupava também a segunda colocação nas exportações, mas, em 2021, tornou-se o principal exportador mundial. Este quadro competitivo é reverso quando se avalia a economia americana.

Os Estados Unidos lideraram trigo, milho, algodão, carne bovina e arroz. No caso da soja, é curioso que Brasil e Estados Unidos se rivalizaram na competição regional. No caso brasileiro, o país melhorou na produção de trigo, fortemente influenciada por novas tecnologias de tropicalização dos cultivos, saltando de quadragésimo sexto para décimo nono no período estudado. A produção brasileira de milho também melhorou bastante, saindo de vigésimo segundo para quarto maior exportador mundial.

Como mostrado por Alcantara, Vedana e Vieira Filho (2023), a produção brasileira de algodão também experimentou forte avanço, saindo de vigésimo sexto para segundo maior exportador mundial. O Brasil é hoje o segundo maior exportador de carne bovina e o sétimo de carne suína. Os demais produtos, no caso brasileiro, não mostraram grandes transformações. O Brasil também avançou significativamente na produção de arroz, tornando-se o quarto maior exportador mundial desse produto.

A Argentina liderou, nas décadas analisadas, as exportações mundiais de farelo e óleos vegetais, com destaque também para as exportações de milho, sendo o segundo maior país exportador. Não obstante, o país tem perdido participação nas exportações mundiais de soja, resultado que se relaciona às suas políticas comerciais, que terminaram por incentivar o processamento da soja *vis-à-vis* sua exportação em grão. Esse quadro também pode ter influências sobre a sua subida no *ranking* das exportações de carne bovina.



TABELA 4

Ranking das exportações dos produtos por países e anos selecionados

País	Ano	Produtos															
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Argentina	2000	4	4	18	3	1	18	100	49	14	10	20	58	22	2	44	-
	2010	7	2	17	3	1	8	99	60	17	11	23	64	9	4	51	-
	2021	7	2	23	5	1	22	135	86	12	7	24	30	19	87	71	-
Bolívia	2000	87	48	34	8	12	-	36	77	33	59	61	57	61	73	51	28
	2010	94	55	46	17	16	-	31	63	113	100	112	84	63	84	56	25
	2021	91	45	40	22	13	-	40	105	121	33	130	102	83	92	78	49
Brasil	2000	46	22	1	2	5	1	1	28	26	9	66	13	2	33	17	20
	2010	18	3	1	2	4	1	1	25	4	2	64	8	1	40	29	32
	2021	19	4	1	1	5	1	1	30	2	2	63	7	1	4	30	34
Colômbia	2000	95	54	7	64	49	-	2	44	68	46	43	86	109	29	24	24
	2010	101	50	14	47	72	-	2	23	67	53	73	90	60	30	28	16
	2021	97	56	10	101	37	-	2	19	96	25	76	106	100	43	25	19
Equador	2000	58	21	42	14	46	71	25	31	78	81	83	44	28	43	7	8
	2010	85	63	36	79	56	97	23	72	89	114	66	95	73	15	11	6
	2021	105	71	31	84	101	116	36	71	92	128	94	111	125	22	17	3
Guatemala	2000	49	30	5	33	83	17	4	50	85	39	67	62	33	52	21	49
	2010	81	42	3	55	53	28	6	67	69	43	78	49	56	36	24	45
	2021	85	61	7	71	54	30	7	64	65	58	85	84	65	109	42	42
México	2000	13	32	22	35	45	112	3	21	18	30	56	11	51	114	32	29
	2010	32	16	6	56	44	3	10	26	18	22	51	15	46	41	5	28
	2021	31	32	4	63	74	27	14	45	20	10	48	10	72	125	16	57
Peru	2000	60	31	21	57	73	128	11	51	41	144	148	55	144	50	30	43
	2010	62	34	20	60	57	137	4	69	58	147	75	136	147	54	26	11
	2021	69	41	30	90	71	145	10	67	52	111	105	146	152	77	18	9
Uruguai	2000	35	69	41	140	165	20	167	165	95	11	19	158	62	57	131	141
	2010	26	39	159	7	86	156	169	99	80	10	24	63	44	14	131	143
	2021	38	107	159	9	67	158	109	50	154	8	41	161	68	5	69	145
Estados Unidos	2000	1	1	38	1	3	2	18	3	1	1	13	2	1	1	20	9
	2010	1	1	19	1	3	2	17	4	1	3	9	2	2	1	15	9
	2021	1	1	43	2	3	4	17	6	1	1	7	2	2	1	14	21

Elaboração dos autores.

Obs.: 1 = trigo; 2 = milho; 3 = açúcar; 4 = soja; 5 = farelo e óleos vegetais; 6 = suco de laranja; 7 = café em grão; 8 = café torrado; 9 = algodão; 10 = carne bovina; 11 = leite e derivados; 12 = carne suína; 13 = carne de frango; 14 = arroz; 15 = mandioca; e 16 = cacau.

No que diz respeito à mandioca, Equador, México e Estados Unidos estão relativamente bem posicionados na produção mundial; porém, nada muito significativo. Na produção de cacau, Equador e Peru figuram entre os dez maiores produtores no mundo no ano de 2021. Embora os Estados Unidos estivessem neste grupo, perderam espaço no último ano para o produto cacau. Cada caso pode ser avaliado individualmente, dependendo do interesse da análise.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar, de forma individual, as vantagens comparativas, os produtos que mais contribuem para o saldo comercial, bem como os setores-chaves de cada um dos países analisados. De forma complementar, incluiu-se os Estados Unidos, para se ter uma maior base de comparação, já que esta economia é forte na produção de produtos agropecuários, que se rivalizam com a produção dos demais países estudados. Os resultados mostraram que há liderança em diferentes indicadores para o Brasil, a Argentina e os Estados Unidos.

Existem casos individualizados, nos demais países, de produtos que se sobressaem no conjunto da avaliação. Para estes, é interessante que cada caso seja avaliado na sua complexidade. No geral, os dados mostram que a Argentina perdeu espaço, com queda da competitividade, em vários produtos agropecuários, mantendo a sua liderança apenas em farelo e óleos vegetais, o que pode ser um resultado das sucessivas crises políticas e econômicas do país. Tanto a Argentina quanto os Estados Unidos são importantes produtores agropecuários, e estes merecem destaque à parte. O Brasil conquistou mercado, tornando-se uma economia mais competitiva com o passar do tempo. Há bastante sinergia dos resultados encontrados com as expectativas do setor agropecuário para cada um dos países.

#### REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, I. R.; VEDANA, R.; VIEIRA FILHO, J. E. R. O caso emblemático da produção de algodão no Brasil de 1974 a 2019. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 54, n. 2, p. 139-155, abr.-jun. 2023.
- ALVES, E. R. A.; LÍCIO, A. M. A.; CONTINI, E. Perspectivas do Brasil no comércio internacional de lácteos. In: VILELA, D. *et al.* (Ed.). **Pecuária de leite no Brasil: cenários e avanços tecnológicos**. Brasília: Embrapa, 2016.
- AREVALO, J. L. S.; ARRUDA, D. O.; CARVALHO, J. P. Competitividade no comércio internacional do café: um estudo comparativo entre Brasil, Colômbia e Peru. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, v. 18, n. 1, p. 62-78, 2016.
- BALASSA, B. **Trade liberalisation and revealed comparative advantage**. Washington: World Bank, 1965.
- FERREIRA, M. D. P.; VIEIRA FILHO, J. E. R. **Inserção no mercado internacional e a produção de carnes no Brasil**. Rio de Janeiro: Ipea, jun. 2019. (Texto para Discussão, n. 2479).

FERREIRA, Z. R.; VIEIRA FILHO, J. E. R. Competitividade internacional do agronegócio. *In: VIEIRA FILHO, J. E. R.; GASQUES, J. G. (Org.). **Agropecuária brasileira: evolução, resiliência e oportunidades**. Rio de Janeiro: Ipea, 2023. p. 67-95.*

FIGUEIRA, S. R. F.; GALACHE, V. O. Análise comparativa da competitividade das exportações de soja em grão do Brasil, Estados Unidos e Argentina. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 61, n. 1, 2023.

FISHLOW, A.; VIEIRA FILHO, J. E. R. **Agriculture and industry in Brazil: innovation and competitiveness**. Nova York: Columbia Press, ago. 2020. 244 p.

GUTMAN, G. E.; MIOTTI, L. E. Exportaciones agroindustriales de América Latina y el Caribe: especialización, competitividad y oportunidades comerciales en los mercados de la OCDE. *In: CEPAL – COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE; OFICINA REGIONAL PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE DE LA FAO; GTZ – SOCIEDAD ALEMANA DE COOPERACIÓN TÉCNICA. **Agroindustria y pequeña agricultura: vínculos, potencialidades y oportunidades comerciales**. Santiago: Naciones Unidas, 1998.*

HIDALGO, Á. B. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 29, n. especial, p. 491-515, jul. 1998.

LAFAY, G. Le mesure des avantages comparatifs révélés. **Économie Perspective Internationale**, v. 1, n. 41, p. 27-43, 1990.

MARANHÃO, R. L. A.; VIEIRA FILHO, J. E. R. Inserción internacional de los agronegocios brasileños: análisis comparativo. **Revista de la CEPAL**, n. 136, p. 155-178, abr. 2022.

SOUZA, R. G.; VIEIRA FILHO, J. E. R. Produção de trigo no Brasil: análise de políticas econômicas e seus impactos. **Revista de Política Agrícola**, v. 30, n. 2, p. 45, 2021.

VIEIRA FILHO, J. E. R. **O desenvolvimento da agricultura do Brasil e o papel da Embrapa**. Rio de Janeiro: Ipea, 2022a. (Texto para Discussão, n. 2748).

VIEIRA FILHO, J. E. R. **Agricultura e pecuária, energia e o efeito poupa-florestas: um comparativo internacional**. Brasília: Ipea, 2022b. (Nota Técnica Dirur, n. 30).

VIEIRA FILHO, J. E. R.; SILVEIRA, J. M. F. J. Competências organizacionais, trajetória tecnológica e aprendizado local na agricultura: o paradoxo de Prebisch. **Economia e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 599-630, set.-dez. 2016.

## **Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

### **EDITORIAL**

#### **Coordenação**

Aeromilson Trajano de Mesquita

#### **Assistentes da Coordenação**

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Samuel Elias de Souza

#### **Supervisão**

Ana Clara Escórcio Xavier

Everson da Silva Moura

#### **Revisão**

Alice Souza Lopes

Amanda Ramos Marques Honorio

Barbara de Castro

Brena Rolim Peixoto da Silva

Cayo César Freire Feliciano

Cláudio Passos de Oliveira

Clícia Silveira Rodrigues

Olavo Mesquita de Carvalho

Regina Marta de Aguiar

Reginaldo da Silva Domingos

Jennyfer Alves de Carvalho (estagiária)

Katarinne Fabrizzi Maciel do Couto (estagiária)

#### **Editores**

Anderson Silva Reis

Augusto Lopes dos Santos Borges

Cristiano Ferreira de Araújo

Daniel Alves Tavares

Danielle de Oliveira Ayres

Leonardo Hideki Higa

Natália de Oliveira Ayres

#### **Capa**

Aline Cristine Torres da Silva Martins

#### **Projeto Gráfico**

Aline Cristine Torres da Silva Martins

*The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.*

#### **Ipea – Brasília**

Setor de Edifícios Públicos Sul 702/902, Bloco C

Centro Empresarial Brasília 50, Torre B

CEP: 70390-025, Asa Sul, Brasília-DF

**Missão do Ipea**  
Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.